Apresentação
por Rita de Cássia Souza Félix Batista

Rita de Cássia Souza Félix Batista é pensadora livre, professora, Doutora em Educação Brasileira, pesquisadora, cientista social e escreveu o livro 'O Negro: Trabalho, sobrevivências e conquistas – Juiz de Fora (1888 – 1930)', resultado de sua pesquisa sobre a história dos meios de sobrevivência e trabalho da população preta em Juiz de Fora, a partir da abolição. Pesquisou também os Clubes Sociais Negros na cidade, constatando uma história das relações sociais e raciais, caracterizada por um 'apartheid juizforano'

As questões relacionadas à história do povo preto no Brasil e suas identidades, sempre foram socialmente negadas e negligenciadas pelos segmentos sociais que abordaram o assunto. As instituições oficiais em suas mais diversas expressões, historicamente reproduziram o compromisso imposto pelas elites dominantes no sentido de dar vozes aos colonizadores em seus ímpetos de manterem e permanecerem com suas dominações.

A sociedade brasileira múltipla e plural vem ao longo dos séculos, se manifestando racista e excludente no trato do dia a dia das relações raciais, sociais, culturais e históricas. Com isso, a historiografia oficial brasileira reproduziu e ainda reproduz abertamente os ditames dessa opressão, alicerçando a construção da nação pautada na população branca oriunda de diversas regiões da Europa e seus referenciais culturais, artísticos, científicos, biológicos e jurídicos.

Já os povos originários, bem como os africanos e brasileiros descendentes dos ex-escravizados passaram a compor um grupo de subcidadania étnico-racial banidos da estrutura social da nação. Passaram a ser um acessório que casualmente compuseram o projeto de nação. Todavia, esses povos relegados pela historiografia e pela sociedade dominante estiveram à frente da resistência e luta por sua história e suas sobrevivências. Pretos e nativos edificaram a nação Brasil. Os ascendentes desses povos tiveram participação ativa e dinâmica no processo de crescimento e desenvolvimento desse país.

Inegavelmente, a presença de pretos e nativos foi determinante para que o Brasil pudesse ser o grande país que se apresenta hoje.

No município de Juiz de Fora, em Minas Gerais, a omissão da história desses grupos étnicos relegados, não aborda a sequência de avanços e ações que os mesmos impetraram para que esse município viesse a existir da maneira que concebemos na atualidade. O descaso com negros, tamoyos e tupinambás, se faz ainda de maneira dura, apesar de algumas iniciativas individualizadas teimarem em romper o silenciamento imposto. E rompem.

Pesquisadores e cientistas das mais diversas áreas de conhecimento argumentam o quão a cidade de Juiz de Fora se apresenta preta. Entretanto, os indicadores sociais revelam uma cidade com a população preta residente nas zonas periféricas, nos distritos, no campo, nas favelas, nas regiões mais afastadas e em áreas socialmente mais vulneráveis.

Em Juiz de Fora, os bairros que apresentam maiores fatores de riscos sociais são povoados pela imensa maioria da população negra, de acordo com pesquisa publicada por Ana Cláudia J. Barreto, a partir de estudos realizados na Defesa Civil do município em 2013. Pesquisas vem sendo disponibilizadas anualmente, no sentido de que a população possa ser informada e sensibilizada para que mais e mais pessoas venham ter acesso a esse tipo de conhecimento.

Afirmo a necessidade de que pessoas interessadas no assunto, pesquisadores e memorialistas venham se sensibilizar no sentido de que possamos registrar as histórias não contadas. As histórias não ditas e ainda não conhecidas pela sociedade juizforana. Afirmo também que essa constatação já se transformou em orientação histórica há alguns anos.

Reitero a todas as pessoas que possuem a regalia de ainda conviverem ou terem em suas famílias e conhecidos, pessoas idosas pretas, que possam incentivá-las a contar suas histórias de vida. Esse procedimento vem se tornando ferramenta importante para que possamos resgatar a história preta de formação da cidade a partir dos referenciais dos descendentes dos ex-escravizados. Os guardiões de nossas histórias: nossos Griôs. A partir daí, os registros irão ‘contar’ as histórias que comporão a história da cidade de Juiz de Fora.

Um número significativo de pessoas ignora a trajetória histórica dos descendentes de escravizados no período do Brasil Colônia, Império e Repúblicas. Trata-se de lutas,

movimentos sociais, movimentos familiares, estratégias múltiplas em busca de sobrevivências e sustentos. Pessoas ainda ignoram as dificuldades e habilidades adquiridas visando a superação dos obstáculos. Trata-se de histórias de uma coletividade que no decorrer de séculos vem se estabelecendo em território que lhe apresenta adverso. Nessas páginas seguintes, o povo preto deixa de ser objeto apropriado pelos senhores e suas histórias, tornando-se sujeito de sua história. Sujeito dinâmico que protagoniza suas verdades. Essa leitura escreve uma outra história do Brasil. História a ser historiografada e inserida nos livros didáticos e paradidáticos.

> **Brasil, meu nego deixa eu te contar**
> **A história que a história não conta**
> **O avesso do mesmo lugar**
> **Na luta é que a gente se encontra...**
> **...Brasil chegou a vez**
> **De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês...**
> (Samba enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira – 2019)

Em conversa informal que tivemos há alguns anos, o amigo Alexandre Müller Hill Maestrini, externou uma indignação com a falta de conhecimento de pessoas pretas bem-sucedidas ou não, pessoas intelectualizadas na história da cidade. Ao citar o número expressivo de pessoas pretas que vem tecendo histórias, a partir da perversidade do sistema, Alexandre se mostrou surpreendido. O mesmo se mostrou indignado com a falta dessa informação e de imediato iniciou um levantamento dessa realidade. Eis que o autor se deparou com a necessidade de fazer algo para somar à nossa luta e o resultado está aqui em nossas mãos. Foram iniciados contatos interpessoais e a relevância de publicitar o levantamento, ciente que se trata apenas de um passo inicial de sua parte, no sentido de dar voz a um número significativo de pessoas pretas (e olhem que não é sequer a ponta do iceberg) residentes na cidade de Juiz de Fora, que a partir de suas experiências de vida, registram não somente suas histórias individuais, mas o que passa a ser história de um grupo, de um povo e de uma comunidade. A resistência da comunidade preta nesse espaço eminentemente europeu, eurobranco, etnobranco, que nessas entrevistas, entende-se reexistências.

A leitura dessas experiências, aqui contadas por Alexandre Müller Hill Maestrini, é um exercício relevante para as pessoas que desejam conhecer um pouco da história de pessoas/povo (nas palavras de Paulo Freire) em Juiz de Fora na contemporaneidade. A leitura conduz o leitor a um passeio por lugares inimagináveis, a partir de experiências duras, mas também doces que levam à emoção em seu sentido mais pleno. Histórias que

trazem o lado amargo da vida, mas que, ao mesmo tempo, nos convidam a refletir sobre a essência do ser humano em toda a sua possibilidade de existência.

No pós-abolição, a sociedade brasileira em sua estrutura, abandonou esses contingentes jogando-os à própria sorte. Nos relatos há momentos de sofrimento, aflição, angústia, desgosto, mágoa, tristeza. Todavia, nos é transmitido também o triunfo dessas mazelas que se manifesta através de esperança por dias melhores e o espírito aguerrido de luta herdado de seus ancestrais.

Com o passar dos anos, a realidade os forçou a adquirir meios de escaparem da brutalidade do sistema republicano que permanecia negando sua existência, conservando o insano e boçal sistema racista, tal como o regime que desvaloriza, desdenha e descarta seres humanos de maneira oficial e extraoficialmente. O brutal capitalismo que surgia, conservou os ditames dos tempos anteriores durante décadas a fio, levando os descendentes dos ex-escravizados a se reinventarem cotidianamente para que pudessem se estabelecer no espaço que lhes era negado.

Gerações e gerações resistiram ao embate imposto. Adquiriram meios de sobreviverem na zona urbana que lhes rejeitava e lograram capacidades e aptidões a partir de seus próprios talentos. Subsistiram. Sobreviveram. Construíram o país e a cidade a partir de suas habilidades e conhecimentos. Seu Know-how não foi reconhecido como saberes milenares a ponto de serem aproveitados para o sistema. Perdeu o sistema, uma vez que com suas habilidades e perícias, o povo preto está aí, capaz de produzir saberes, ciências, culturas, erudições, histórias. Histórias espetaculares.

A leitura dessas narrativas conduz a sociedade brasileira e juizforana a refletirem sobre o verdadeiro sentido do ser humano e sua história recente e passada, podendo ser edificada no presente a partir do agora como um patrimônio a ser futuramente reconhecido e reparado.

Não se trata apenas de um resgate histórico. Mas sim, do resgate de expressões identitárias carregadas de verdades, empatia e afetuosidade. A superação é componente importante nesse ‘composè’ de experiências descritas. Contudo, a afetuosidade, o instinto de solidariedade e amor, traduzem os relatos dessas memórias que nos encantam.

Leitura obrigatória e recomendada para todos e todas que se permitem deleitar com esses agradáveis relatos de experiências, que por vezes nos revoltam, nos entristecem e

também nos emocionam ao transmitirem cativantes verdades vivenciadas em nossa história e que agora, vem sendo desveladas.